



PAINEL DE EXPERTS

Ferreira MA. O clássico e o emergente: desafios da produção, divulgação e utilização do conhecimento da enfermagem. In: Seminário Nacional de Pesquisa em Enfermagem, 17, 2013 jun 3-5. Anais. Natal: Associação Brasileira de Enfermagem – Seção Rio Grande do Norte, 2013 [disponível online]

Este texto tem o objetivo de refletir sobre os desafios sobre a produção, divulgação e aplicação do conhecimento da enfermagem e para tanto, amparou-se na afirmativa de que “o quanto mais e melhor aprende-se a cuidar é cuidando”^(1:809), pois o processo de ensino deve se engajar com as situações da prática assistencial⁽¹⁾. No plano do projeto pedagógico-epistemológico da enfermagem, defende-se que “os problemas mais condizentes com as pesquisas na enfermagem são os mesmos que interferem na esfera do cuidado aos clientes”, enfatizando-se que “tais problemas precisam ultrapassar os interesses individuais dos pesquisadores, para compreender o mundo real das pessoas e de suas famílias”^(1:813).

Refletir acerca da produção de conhecimento sobre o cuidado às pessoas e sua saúde, a divulgação e utilização desta produção tem em vista que esta tríade só faz sentido se for a favor da prática e da formação da enfermeira. Neste intento, pesquisar para melhor compreender “o mundo real das pessoas e de suas famílias”^(1:813) com o objetivo de cuidar já é, em si, um grande desafio.

O diálogo sobre o clássico e o emergente na ciência importa à discussão sobre a pesquisa do cuidado, pois tais paradigmas nos servem de grade de leitura para elucidar as muitas questões que envolvem a produção, a difusão e aplicação do conhecimento sobre o cuidado, objeto de conhecimento e prática da enfermagem.

Produzir conhecimento envolve fazer pesquisa científica, a qual se define como um processo sistemático de construção do conhecimento que gera novos conhecimentos, reafirma ou refuta os já existentes. Neste texto, opta-se por usar o termo reconstrução do conhecimento e não a sua construção entendendo-se que se parte sempre de algo que já se sabe sobre o objeto investigado⁽²⁾.

A enfermagem vem investindo na pesquisa para descobrir a essência dos fenômenos de seu interesse, transpassando as aparências para entender seu objeto e suas práticas. Tem nos metaparadigmas um caminho para o delineamento de um conhecimento específico que assegure à Enfermagem seu lugar no campo da ciência⁽³⁻⁴⁾.

Produzir conhecimento na enfermagem requer esforço de articulação e diálogo entre os metaparadigmas que nos dão identidade e os paradigmas da ciência que coexistem na contemporaneidade. O clássico e o emergente que permitem dar as explicações necessárias à ultrapassagem da aparência dos fenômenos. Ambos os modelos são aplicáveis e necessários no fazer científico da sociedade contemporânea, para atender às múltiplas faces de problemas que se colocam, advindos do *mundo real das pessoas*, mormente no campo da saúde e da enfermagem.

Os modelos de abordagem não se opõem, mas se complementam, debate este já posto no campo das metodologias⁽⁵⁾. O desafio, portanto, é estreitar o diálogo entre os paradigmas,



estabelecer a dialogicidade necessária ao bem comum de ambas, fazer os caminhos se cruzarem, para que se alcance a finalidade da enfermagem que é a de promover o bem-estar humano.

O clássico na ciência contribuiu para definir os limites das disciplinas, mas a enfermagem lida com objetos complexos, como a saúde e o cuidado e, por vezes, a redução da complexidade, exigida pelo modelo clássico de se fazer ciência, “impede o desvelamento e a solução do problema”^(6:405).

O cuidado é um fazer humano (em ato) e um sentir humano (sentir-se cuidado) e para investigá-lo não basta acessar as realidades externas, é preciso compreendê-lo, investigar os múltiplos sentidos que a ele se atribui, na diversidade social das famílias, dos grupos, das culturas, das sociedades. Abordar a saúde das pessoas em vista de seu bem-estar requer aplicação de referenciais que se amparem em um paradigma de cuidado, pois o paradigma da doença, sustentado pelo modelo biomédico e explicado pelo paradigma clássico da ciência é demasiado estreito para se trabalhar com a proposta de estilo de vida e sociedades saudáveis.

Pensar no cuidado e no quanto este importa para o bem-estar e dignidade humana requer que se coloque o *outro* no centro do processo para que se trabalhe com suas demandas. A tríade Ensinar-cuidar-pesquisar exige abordagem sutil - planejada, sistematizada - mas em muitas das vezes não estruturada, pois os caminhos da investigação do humano se constroem no fazer do encontro – em muitos dos casos, de modo artesanal, considerando-se as subjetividades implicadas quando os humanos estão em interação.

O cuidado se configura como atos/operações objetivas com fins terapêuticos, mas também tem uma vertente expressiva, própria do campo da interação humana. Ora é objetivo, ora é subjetivo e por isso sua investigação requer múltiplas abordagens e múltiplos métodos, não havendo condições de possibilidades de identidade única a um ou outro paradigma. Esta instabilidade que a noção de estado dá ao cuidado, no ato vivo do encontro, e esta (in)certeza de que ele esteja em ato, só pode ser abordada na emergência de sua via-de-se-fazer, mais aproximado dos fundamentos de um modelo de ciência novo, emergente (quântico). Logo, o clássico se aplica, na caracterização do que se faz objetivamente no campo do cuidado e o emergente se aplica, no empenho de trazer à tona resultados traduzidos em respostas humanas às ações, em efeitos de sentidos e explicações que só o ser humano consegue (re)produzir. O clássico e o emergente, em ação e em diálogo, se interconectam em favor do cuidado e do bem-estar humano.

Este é um desafio na produção e na (re)construção do conhecimento da enfermagem porque o campo da saúde ainda vive o dilema dos paradigmas que o sustentam⁽¹⁰⁾. Se por um lado apregoa-se a promoção da saúde e do cuidado (de si e dos outros), por outro ainda é forte a linha de adoção de estratégias de ação que se amparam na prevenção de doenças e no modelo biomédico de abordagem do corpo e de suas reações.

À luz do paradigma emergente, as pessoas precisam estar presentes no processo de cuidado, participativas, criando e recriando modos de pensar e agir em prol de sua saúde. Este modelo de abordagem exige participação social, consciência cidadã, reflexão e ação. E é neste ínterim que a pesquisa do cuidado se faz, ou deve se fazer: no ato de se estar cuidando-ensinando-pesquisando. O emergente assim toma vulto de modo a se fazer fluir o conhecimento a partir do “mundo real das pessoas e das famílias”^(1:813), exigindo uma filosofia e uma epistemologia que lhe seja apropriada.

Daí se deriva um desafio, que é o de se ter e sustentar uma identidade própria nos modos de se fazer ciência, (re)criar métodos de pesquisa alinhados ao novo paradigma, nos impondo no



campo científico. As expressões-chave são: fazer com, pesquisar com, ensinar com, cuidar com, pois se de acordo com o que se está aqui defendendo, o cuidado é sempre uma construção coletiva, a produção de conhecimento sobre este objeto também o deve ser.

Na construção da ciência da enfermagem, um grande desafio é fundamentar o conhecimento da área, detendo-se no objeto de sua ciência e ter claro o campo da disciplina para estabelecer o diálogo interdisciplinar. Marcar suas diferenças distinguindo-a de outros campos do saber, na (re)construção de um conhecimento específico que abarque a natureza dos fenômenos da enfermagem tem sido o movimento intelectual da área. Isto reforça a defesa de que a pesquisa, na contemporaneidade, possui papel político e estratégico na geração de conhecimentos que afirmem a ciência, na sustentação do campo da enfermagem.

Neste movimento, há que se ter formação acadêmica adequada em que a pesquisa emerja como estratégia e procedimento de aprendizagem - princípio educativo (articulado ao ensino e a extensão); que se ampliem os movimentos de qualificação acadêmica - pós-graduação *stricto-sensu* – âmbito na qual se lança olhar crítico sobre a enfermagem (ciência e arte - prática), para que se problematizem “o mundo real das pessoas e de suas famílias”^(1:813), se revisem, questionem, critiquem, se discutam os saberes e os fazeres da saúde.

No âmbito da pós-graduação *stricto-sensu* espera-se que se produzam e se (re)construam os saberes necessários a geração de teorias, métodos, tecnologias e inovações. Donde se deriva o entendimento de que os espaços de formação/qualificação (graduação e pós-graduação) são o celeiro da formação de pesquisadores e o *locus* de sustentação da ciência, mas os espaços da prática são a razão de ser da disciplina para que se materialize o conhecimento nas práticas cotidianas do trabalho de enfermagem⁽¹²⁾.

O movimento de incremento dos mestrados profissionais tem a finalidade de estreitar os laços entre a academia e a prática rompendo com a dicotomia clássica do pensar e do fazer, herança da cisão cartesiana amparada no *penso, logo existo*. Neste intento, há que se fazer uma releitura da formação *stricto-sensu*, no sentido de que esta se volte para a pragmática dos serviços na busca de soluções para as problemáticas do cotidiano da assistência e do gerenciamento do cuidado, fazendo da concretude dos espaços de cuidar campos de pesquisa e de geração de conhecimento.

Assentar a produção em objetos próprios à enfermagem, buscar métodos apropriados para abordá-los sem que se desprezem os “saberes de experiências feitos”^(13:31) das enfermeiras, sem que se neutralize a ação do sujeito sobre o objeto, mas o reconheça e o considere na medida exata e necessária a produção científica. Usar o conhecimento que se produz nos Programas de Pós-Graduação, mudar a realidade com os resultados de nossas produções: eis o desafio.

Este debate aponta que a concretude das práticas viabiliza o trabalho coletivo, num plano ético-político de construção de redes, pautadas num projeto dialógico⁽⁹⁾. No fazer da ciência na contemporaneidade a formação de rede é uma emergência e um desafio, tanto nas práticas de saúde quanto na pesquisa. É um dispositivo político e estratégico a ser viabilizado com a consolidação de grupos e linhas de pesquisa em torno de projetos integrados com diálogo entre pesquisadores de modo a abranger uma diversidade de situações que favorecem a solidez dos resultados das pesquisas. Isto faz com que a construção da informação se torne mais densa e as comunicações científicas sejam mais bem acreditadas junto aos editores, ampliando as possibilidades de difusão e consumo do conhecimento produzido, pois a difusão do conhecimento viabiliza sua aplicação, sendo ambas, fases que integram o processo de pesquisar.



Produzir e (re)construir conhecimento implica em considerar os recursos humanos, pensados em uma política digna de contratação de pessoal para o incremento à formação de qualidade. Investimentos necessários em universidades comprometidas com o processo de formação atrelado à produção, difusão, consumo e aplicação social do conhecimento. Recursos que se voltem para a ampliação e consolidação de programas de pós-graduação *stricto-sensu*, para fazer frente às exigências e aos desafios postos à área, bem como para a ampliação do quantitativo de enfermeiras nas equipes de assistência, para que o cuidado de enfermagem se faça enquanto tal. Recursos financeiros, os quais exigem política propositiva das universidades e agências financiadoras com editais temáticos da área da saúde, que atendam às demandas, realidades e emergências da área de enfermagem, que gere conhecimentos que expliquem os fenômenos e os processos de cuidar.

Na atenção a estes desafios, a enfermagem vem trabalhando na definição de um projeto político-científico e prioridades para a área, em debates sobre uma melhor organização e articulação política interna reunindo pesquisadores, docentes, enfermeiros e estudantes em encontros organizados através das lideranças da área (ABEn, Capes e CNPq). As discussões tem se voltado sobre a necessidade de se incrementar os debates e as críticas ao que a enfermagem tem produzido, através das referências do que se tem publicado na área; a ampliação e qualificação dos periódicos científicos para que se consiga alcançar a internacionalização; a transferência do conhecimento, dando-lhe visibilidade e mostrando seu impacto social; refletir sobre a contribuição que se tem dado à construção de políticas públicas e consolidação do Sistema Único de Saúde (SUS); e a ênfase ao compromisso ético e social, próprio da prática do cientista. Tais pontos elencados foram amplamente debatidos na Reunião da Área da Enfermagem no IV Encontro Nacional de Pós-Graduação na Área de Ciências da Saúde⁽¹⁷⁾ e têm a ver com o *para que* pesquisar e produzir conhecimento, pois este só faz sentido se a pesquisa cumprir seu papel social com aplicabilidade do conhecimento científico.

O mundo atual está marcado pela era da ciência e da tecnologia e estes nos servem de parâmetros para que compreendamos o contexto da saúde e do cuidado às pessoas – âmbito do qual se dá a (re)construção do saber da enfermagem. A questão é: qual modelo de fazer ciência, produzir tecnologia e aplicá-la melhor condiz com os pressupostos da enfermagem como ciência e arte?

O ponto de chegada da ciência e da arte da enfermagem é a promoção da saúde e do bem-estar humano através do cuidado; logo, que se escolha os melhores caminhos para nele chegar. A defesa é pelo diálogo, compartilhamento, fazer coletivo, mas não há pretensão de se prescrever normas de superação dos desafios em uma única direção, mas sim, despertar a crítica e a reflexão sobre aspectos que permeiam o processo complexo e multifacetado de fazer ciência para que se possam planejar estratégias de crescimento no campo da ciência.

Produzir conhecimento, difundi-lo e aplicá-lo são atos humanos, fazem parte de *um fazer humano*, e como tal, há um princípio ético a ser considerado. Ética esta que envolve não só os modos de se fazer ciência, mas as relações, os acordos que se firmam entre os humanos para difundi-la, aplicá-la e para manter os grupos no campo de lutas científicas e no sistema. A ética viabiliza o existir humano. Estejamos em um ou em outro paradigma [clássico, emergente] ou em ambos, em articulação e diálogo, não se pode prescindir da ética. Ética que nos faz ter respeito pela vida, numa relação intencional de vínculo com as pessoas, com as coisas, com o trabalho, com o mundo. Ética que nos chama a ser solidários e que nos desperta a responsabilidade social que nos pesa quando abraçamos a causa de cuidar, de ensinar e de pesquisar, no desafio constante de buscar alternativas para superar as muitas contradições que a era da ciência e da tecnologia nos impõe.



Ensinar-cuidar-pesquisar, com foco nos problemas que interferem na esfera do cuidado aos usuários, ultrapassando os interesses individuais, para compreender o mundo real das pessoas e de suas famílias, suas necessidades e demandas, além de enfrentar as lutas que se travam no campo hegemônico da saúde, da ciência e da tecnologia, mantendo-se no sistema, sendo a enfermagem uma profissão ainda jovem no campo da ciência: eis o desafio.

REFERÊNCIAS:

1. Carvalho V de. Cuidando, Pesquisando e Ensinando: acerca de significados e implicações na prática da enfermagem. Rev Latino-am Enfermagem 2004 setembro-outubro; 12(5):806-15.
2. Demo P. Metodologia do conhecimento científico. São Paulo: Atlas, 2000.
3. McEwen M, Wills EM. Bases teóricas para enfermagem. 2ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
4. Hickman JS. Introdução à teoria da enfermagem. In: George JB, organizadora. Teorias de enfermagem: os fundamentos para a prática profissional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993. p.11-20. Minayo MCS, Sanches O. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? Cad. Saúde Públ., Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, jul/set, 1993
5. Baumgarten M, Teixeira NA, Lima G. Sociedade e conhecimento: novas tecnologias e desafios para a produção de conhecimento nas Ciências Sociais. Sociedade e Estado, Brasília. 2007 maio; 22(2):401-33.
6. Bachelard G. O novo espírito científico. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2001.
9. Barros MEB de, Gomes RS. Humanização do cuidado em saúde: de tecnicismos a uma ética do cuidado. Fractal: Revista de Psicologia. 2011 Set-Dez; 23(3):641-58.
10. Silva RC, Ferreira MA. Changing the perspective on specialized knowledge in nursing: an epistemological debate. Rev. Latino-Am. Enfermagem. 2008 dec; 16(6):1042-1048.
12. Paim L, Trentini M, Silva DGV, Jochen AA, Desafios à pesquisa em enfermagem. Esc Anna Nery Rev Enferm 2010 abr-jun; 14 (2): 386-390.
13. Freire P. Pedagogia da esperança. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
17. Erdmann AL; Fernandes, JD. Programas de pós-graduação em enfermagem no Brasil: desafios e perspectivas. Editorial. Esc. Anna Nery. 2011 jan-mar; 15(1):7-8.

Márcia de Assunção Ferreira. Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora Titular do Departamento de Enfermagem Fundamental, Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pesquisadora do CNPq. E-mail: marciadeaf@ibest.com.br